

## LENDAS QUE ENRIQUECERAM NOSSA HISTÓRIA

*Pedro Rocha Jucá*

Cuiabá é rica em lendas e estórias. O povo se encarregou de transmiti-las ao longo dos séculos, acrescentando as que vão surgindo ano após ano, como resultado da soma das experiências vividas pelas mais diversas gerações. Quase todas elas são tipicamente cuiabanas, regionalíssimas na sua essência; uma ou outra apresenta conotação ou semelhança com outras lendas conhecidas nacionalmente. São exclusivamente lendas como as da Procissão das Almas, do Bate Bruaca, do Troá, do Candimba, da Carroça Mal Assombrada, do Minhocão do Pari, do Negrinho da Desavença e muitas outras.

Depois de escrever três livros destinados às crianças, abordando tema então atuais como o Pantanal, a Chapada dos Guimarães e a Arara Azul, o jornalista Arnaldo Niskier, membro da Academia Brasileira de Letras, com quem me correspondo há mais de 15 anos, está projetando agora um quarto livro; desta feita, sobre as lendas cuiabanas. Mais uma vez fui convocado para assessorá-lo.

Acostumado a não apenas escrever intelectualmente sobre a história de Mato Grosso e de Cuiabá, mas também, e principalmente, a senti-la e a entendê-la em toda sua plenitude, raciocinando mais como personagem do que como autor, nunca me despertou um maior interesse por essas lendas. E, por isto, procuro me redimir hoje de tamanha injustiça que sem intenção cometí. Explico e justifico esta postura ao dizer que a lenda é abastecida pela imaginação, como se fosse uma incursão no além ou uma excursão ao desconhecido, enquanto que a história é abastecida por fatos, registros e informações, que reforçam a razão na sua abordagem explícita e crítica.

As lendas cuiabanas, contudo, estão a merecer melhor e maior atenção, não só por parte dos historiadores ou dos culturadores das letras, mas também da comunidade em geral, e por muitos motivos. As suas características, sejam folclóricas ou até afetivas do processo de transmissão dos seus conteúdos, proporcionam experiências pedagógicas, ora na exposição analítica de exemplos, ora na manifestação pura e simples de história oral.

Na **lenda da Procissão das Almas** aprendemos que não devemos nos meter na vida alheia, pois a vela que a moça curiosa recebeu à noite se transformou em osso humano no manhã seguinte. Na **lenda do Bate Bruaca** temos duas lições: não devemos brincar com coisas sérias e que a mentira tem perna curta. As almas do frade e do oficial da Marinha jamais apareceram nas proximidades do cemitério do Segundo Distrito, embora tenha sido encontrado, numa escavação feita nas vizinhanças, um rosário de frade, sendo as contas feitas com castanha portuguesa e ligadas uma às outras por uma corrente de fio de cobre.

A **lenda do Troá**, por sua vez, nos leva a um passado cheio de preconceitos em relação ao casamento entre próximos, não escapando nem os compadres, mas nos ensina a necessidade de manter o matrimônio como instituição legal.

A viúva que se amasiou com o viúvo compadre virou troá, que é um toco de árvore, com penugem e desganhado, que depois da meia-noite se arrasta na escuridão das matas com um ruído semelhante a troá, troá, e assim por noite a dentro. Tiramos daí outras lições: o cuidado que deve haver na escolha das amizades e a importância da mulher no ambiente familiar.

A desmoralização do mau caráter está presente na **lenda do Candimba**, que era uma pessoa sem qualquer defeito físico e que ficou deformada depois que passou a maltratar a própria mãe. Até rabo o Candimba teve. Não será necessário lembrar que mãe é um ente sagrado.

História e estória se confundem na **lenda da Carroça Mal Assombrada**. A guerra com o Paraguai foi uma cruenta realidade para os

cuiabanos, pois a bexiga negra foi mais do que uma peste. Famílias inteiras morriam da noite para o dia. Mais da metade da população de Cuiabá na época morreu e a calamidade era tanta que os enterros eram coletivos, traumatizando a todos. Mesmo depois que tudo se normalizou, a carroça mal assombrada, com o seu sinistro barulho, continuou a assustar, percorrendo a Rua Cândido Mariano, Rua Batista das Neves (naquela época correspondendo ao beco do Peagaú, que ia até à Cacimba do Soldado, na atual Avenida Isac Póvoas), descendo até à Rua 13 de Junho, atingindo o antigo Lavra Pau, retornando das proximidades do atual DNER até ao Bairro do Cói-Cói, passando pela Cruz Preta, a carroça mal assombrada jamais foi vista, mas muitos disseram que ouviram o trepidante choque das suas rodas no atrito com as pedras de cristal.

De todas as lendas cuiabanas a mais conhecida é a do **Minhocão do Pari**.

Era uma espécie de serpente, de cor preta reluzente, longa e cabeçuda, que se aninhava na região do Pari, no Rio Cuiabá, entre a foz do Ribeirão do Lipa e a ponte próxima ao início da Rua Barão de Melgaço. Vivia junto ao barranco e geralmente coberto por terra, como a arraia. Com raiva ou com fome, o minhocão aparecia furiosamente, com a sua enorme cabeça sobre as águas. Fazia, nesses momentos, a maior agitação, virando barcos, devorando pescadores. A sua fúria era incomparável. Ninguém viu o que seria exatamente o minhocão do Pari. Cada um que conta a lenda sempre acrescenta alguma coisa. Do espetacular deste lenda podemos tirar uma lição valiosas: a riqueza do Rio Cuiabá, e a nossa responsabilidade de preservá-lo.

Destaquei, ainda, a lenda do **Negrinho da Desavença**. As asas da imaginação nos permite voar até ao impossível, pois, de acordo com a própria lenda, o negrinho era transparente, e portanto sem cor. Jamais foi visto, mas dizem que ele é “retinto como carvão”, estimula a malvadeza nos adultos e atíça a criançada para as mais diversas artimanhas. O negrinho, no dizer dos moradores do Porto, era responsável até pelos bate-bocas dos residentes entre a Igreja de São Gonçalo e o Arsenal de Guerra,

nos fundos do atual Estádio Presidente Dutra. A imaginação popular é fértil, mas a lenda do Negrinho da Desavença tem também, o seu efeito pedagógico. Não devemos, por exemplo, acusar sem conhecimento de causa, ou, então, transferir os nossos erros ou naturais falhas a outros.

As lendas citadas acima poderiam ser catalogadas como lendas folclóricas. Na verdade, todas as lendas são folclóricas, mas as que contarei a seguir possuem algo mais do que o saber popular, Uma delas poderia ser classificada como antológica, a lenda da **Alavanca de Ouro**, que mereceu a glória de ser cantada em verso pelo maior nome da literatura mato-grossense, dom Francisco de Aquino Corrêa, ex-arcebispo de Cuiabá.

O cenário da lenda da Alavanca de Ouro é o outeiro da Igreja do Rosário, ponto inicial da povoação de Cuiabá. De acordo com a história, ali existiram as famosas Lavras do Sutil, que motivaram a vinda dos bandeirantes paulistas, que então se encontravam na região de Forquilha, às margens do Rio Coxipó do Ouro. O sorocabano Miguel Sutil de Oliveira havia recebido a missão de plantar roças para garantir a alimentação dos seus companheiros e por isto escolheu as margens do então córrego mais tarde chamado da Prainha, hoje coberto pelas duas pistas da Avenida Coronel Duarte.

As Lavras do Sutil estavam localizadas justamente ao redor do outeiro da Igreja do Rosário, onde foi registrada a maior mancha de ouro jamais vista em outro lugar do Brasil. Grande parte do valioso mineral estava à flor da terra, em pepitas de considerável tamanho. A fartura era tal que os bandeirantes usavam o ouro para substituir o chumbo (que vinha da Europa) em suas armas e, nas cozinhas improvisadas, as pepitas maiores sustentavam as panelas ao fogo. Abastecido de grande quantidade de ouro, Miguel Sutil de Oliveira retornou a Sorocaba e procurou investir a sua riqueza. Infelizmente, ele encontrou as mais diversas barreiras. A sorte não lhe favoreceu e faleceu pobre. Tão pobre que o seu corpo foi recomendado sem a música que pedira em seu testamento.

A lenda da Alavanca de Ouro apresenta um argumento semelhante, embora com outros personagens, repetindo a lição do ditado popular: “*Nem tudo que reluz é ouro*”. Ou ainda: a riqueza não é eterna e nem é tudo. Esta lenda é interessante ainda pela sua época. Os escravos cavavam no sopé do outeiro da Igreja do Rosário em busca de ouro. Um deles avistou um objeto reluzente e tamanho maior do que as tradicionais pepitas do lugar. Pelas normas de então, ele deveria comunicar o achado ao patrão, o que faria na manhã seguinte, pois era noite. Os olhos do escravo brilhavam mais do que o objeto que ele encontrara, tanto que o sono não lhe vinha. A sua mulher, também escrava, ficou preocupada com toda aquela inquietação e assim ficou sabendo do fabuloso achado. Dizem que mulher não guarda segredo e foi o que aconteceu.

Já no romper da aurora todos os outros escravos sabiam ao acontecido. Não queriam apenas ver, mas também alcançar o objeto, movidos pela ganância, pela riqueza fácil, a fonte luminosa tinha forma semelhante a uma alavanca usada pelos escravos e estava direcionada para dentro da terra. E por mais que cavavam, ela se aprofundava. A notícia chegou aos feitores que, de chibata em punho, exigiam até o impossível de esforço físico dos escravos.

Quando a exaustão se avizinhava, apareceu um velho maltrapilho que pediu água aos escravos. Apenas um deles lhe deu atenção e foi até ao córrego para encher o seu copo de ouro com a água límpida da Prainha. Em sinal de agradecimento, o velho lhe avisou que a terra ia gemer três vezes e que na última o escravo que lhe atendeu deveria fugir para fora do buracão. Por vários dias a alavanca de ouro continuou indo mais fundo e mais os escravos cavavam em busca dela. Finalmente, cumpriu-se a profecia; no terceiro urro da terra, acompanhado de forte tremor, com uma densa nuvem de poeira soterrando feitores escravos e curiosos, com ferramentas e tudo mais. Sobreviveu apenas o escravo que deu água ao velho maltrapilho, que seria Nosso Jesus Cristo, em busca de melhor conhecer o coração humano.

Mais lições extraímos desta lenda. Existe a ganância e ela é limitada por desígnios acima do nosso entendimento. A caridade deve ser uma

característica do ser humano, que não pode e nem deve extrapolar a sua ambição. A natureza é rica, mas devemos aprender como utilizá-la devidamente, pois poderemos ser um dia soterrados por ela. E ainda: o bem sempre vencerá o mal.

Poderíamos citar mais duas lendas, que consideramos históricas, não apenas por fazerem parte da História de Mato Grosso, como também pelo que representam no processo de ocupação demográfica e desenvolvimento cultural do nosso povo, através da fé, na crença de valores que enriquecem as nossas origens em pleno período colonial, quando os interesses de Portugal estavam acima dos sagrados direitos do nosso povo.

Cuiabá é resultado de um processo histórico que teve início no arraial de São Gonçalo, às margens do Rio Cuiabá, com uma etapa evolutiva no arraial de Forquilha, na margem direita do Rio Coxipó do Ouro, sendo concluído no atual Outeiro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ali, existiram as famosas Lavras do Sutil. Contudo, a primeira igreja construída em Cuiabá foi a do Senhor Bom Jesus, que começou com instalação modestas, inferiores à de uma pequena capela, chegando hoje à privilegiada honraria de basílica, depois de ser matriz e catedral. Ela foi construída em 1722, no cumprimento de uma promessa votiva feita pelo capitão-mor Jacinto Barbosa Lopes.

As suas lendas seguintes estão relacionadas com esta igreja. Ocorreram, de acordo com a tradição popular, nos anos de 1728 e 1729, impedindo o esvaziamento populacional da vila criada em 1727, mas que enfrentava sérios problemas. A fartura do ouro das Lavras do Sutil já não existia. O acesso a São Paulo pelo Rio Cuiabá era dificultado pelas investidas dos índios Paiaguás, tudo isto sem esquecer que as minas de Goiás eram mais próximas de Sorocaba, de onde vinham as bandeiras paulistas no período das monções, e de Vila Rica, a mais importante localidade da colônia na época.

Na Quaresma de 1728 aconteceu um verdadeiro milagre. Na Quinta Feira Santa, a Matriz do Senhor Bom Jesus estava lotada. Era mais uma missa de despedida, pois quase todos os bandeirantes iriam embora

para Goiás logo em seguida. A custódia com o Santíssimo Sacramento foi colocado no trono que era servido apenas por uma escada. Em determinado momento da cerimônia religiosa, a custódia se volta para a parte da epístola, ficando de lado para o povo. Vendo isto, um sacerdote subiu a escada e colocou a custódia em posição voltada para os que assistiam à missa. Por três vezes seguidas, a custódia voltou-se para a epístola. Os bandeirantes, ainda atônitos com o que acabaram de ver, decidiram permanecer em Cuiabá, afastando de uma vez por todas a ameaça de despovoamento da vila, que estava ameaçada de desaparecer.

No ano seguinte, o Senado da Câmara e as pessoas mais ricas da vila mandaram buscar a imagem do Senhor Bom Jesus que estava em Camapuã, hoje Mato Grosso do Sul. A citada imagem foi fabricada, em madeira, por uma mulher residente em Sorocaba e foi trazida até Capapuã pelo sorocabano Pedro de Moraes, que lhe deixou num caixão, pelas dificuldades em seguir viagem para Cuiabá. Neste ponto confunde-se a lenda e o milagre. Enquanto a imagem do Senhor Bom Jesus permaneceu à espera de que os cuiabanos viessem buscá-la, um comerciante que vinha de Cuiabá tentou levá-la para Sorocaba. Não houve força humana capaz de levantar aquela imagem de pequeno porte, que permanecia em um rancho construído pelo criminoso Manoel Homem, foragido que por ali passou. O comerciante cuiabano, ao retornar à vila depois da sua viagem a Sorocaba, mobilizou a população local contando o que ouvira em Guarapiranga na região de Camapuã: a imagem somente era erguida quando havia a intenção de conduzi-la para Cuiabá. O Senhor Bom Jesus de Cuiabá foi festivamente recebida pela população do Porto, de onde a imagem foi trazida em procissão até à matriz, onde se encontra até hoje. Todos os anos, os devotos do Senhor Bom Jesus de Cuiabá rememoram a chegada da imagem a esta Capital com uma procissão tradicional, nas tardes de primeiro de janeiro.

Lenda ou milagre? Não importa. Cuiabá é um verdadeiro milagre urbano se formos considerar as condições existentes em 1719. Todas as adversidades existiram e ainda existem, mas todas estão sendo superadas. O arraial que os bandeirantes paulistas implantaram aqui é hoje uma das

maiores capitais do Brasil, no centro geodésico da América do Sul, entre as duas maiores bacias hidrográficas do mundo, espalhando-se das bordas da Chapada dos Guimarães até o Pantanal Mato-Grossense, desafiando os séculos e os impecilhos, confirmando a lenda da Fênix, que renasce das próprias cinzas, do alto do seu brasão de armas, legado ainda das Cortês de Lisboa.